

Aventuras e desventuras da família Amorim

Perna defeituosa, quase surdo, semi-analfabeto, quase sempre faminto, mas surpreendentemente feliz, Romalino Gomes de Amorim faz mil e uma peripécias para driblar a crise e manter a família (mulher e sete filhos) num mundo ainda estranho para ele: a capital gaúcha. Uma luta sem dúvida difícil, por causa do acidente de trabalho sofrido há 17 anos, e agravada por alguns imprevistos, como um recente acidente do qual saiu ferido e sem a bicicleta que o conduzia na árdua busca de trabalho e que entraria como parte do pagamento do casebre tosco e inacabado que passou a ocupar no final de setembro. Na batalha pela sobrevivência, Amorim não rejeita a ajuda até mesmo do pequeno Vanderlei, o filho mais novo, de apenas quatro anos de idade.

Romalino, 40 anos, é um dos milhares de migrantes que chegaram a Porto Alegre em busca de vida melhor. Ele veio no início do ano, de Três Passos, a 636 quilômetros de Porto Alegre, e desde então sua rotina tem sido apanhar a bicicleta e sair pela cidade oferecendo serviços de auxiliar de pedreiro, carpinteiro, pintor, jardineiro, limpador de caixa d'água, agricultor ou faxineiro.

Ele nunca sabe quando conseguirá dinheiro para levar comida à família. Tudo na sua vida é incerto, com exceção

da data — sempre o dia 16 — de receber a aposentadoria da Previdência — Cr\$ 34 mil — cujo destino também é certo: pagar uma prestação na loja Grazziotin, devolver o que pediu emprestado nos dias anteriores e deixar o que restou — quando resta — no supermercado. Esse dinheiro dá para viver uma semana inteira, diz sua mulher, Albina, que dá grandes risadas ao contar as dificuldades da família.

Entre as peripécias de Romalino e sua família na luta pela manutenção da vida há algumas permanentes, como a visita mensal a um posto da Secretaria da Saúde, onde ganha uma sacola com arroz, feijão, farinha e açúcar, e o religioso comparecimento a uma Igreja Batista, onde consegue outra sacola com alimentos. E assim, da caridade pública e da fé cristã, eles vão vencendo a fome.

Os filhos participam dessa luta como podem. São muitos para comer, mas também são muitos para a batalha da vida. Arlei, o mais velho, 13 anos, vende rapaduras de amendoim, na rua; Marli, de 11, e os outros, de dez, nove, sete, seis e quatro anos de idade, vendem jornais e pedem esmolas, uma experiência incrível para o pequenino Vanderlei, o de quatro anos, que sempre move algumas senhoras mais sensíveis.

"Largo o gurizinho no perigo do

trânsito e ele sempre consegue uma moedinha", conta Romalino, que, apesar de tudo, sente-se feliz e gratificado por estar conseguindo sobreviver sem... — e completa as reticências com um gesto de mão que significa roubar. Ele tem grande respeito por sentimentos, como honra, companheirismo, honestidade.

"Sou um estranho na cidade", diz ele recordando a vida no interior, que era também muito difícil, "e, além disso, surdo". O problema de audição — assim como o da perna, consequência de uma queda no Frigorífico Três Passos, há 17 anos — já lhe causaram a perda de bons serviços e até atribulações trágicas. Uma vez, quando trabalhava na construção civil, arrombou uma porta quase concluída, destruindo tudo, para ajudar um companheiro que supunha estar gritando "estou à morte, estou à morte", quando na verdade pedia apenas para ele "abrir a porta". O empreiteiro nunca mais lhe deu serviço. "Era muito arriscado".

Com tudo isso, e com a despesa sempre vazia, os Amorim nunca sabem o que terão para comer no dia seguinte, o que torna suas vidas um constante suceder de surpresas, agradáveis e desagradáveis. Tanto pode ser um pedaço de carne com feijão e arroz — quando ganham, ou a esmola aumenta

— quanto apenas polenta ou uma espécie de bolo de farinha de trigo e milho. Em alguns dias do mês há café, pela manhã. Na falta dessa que antes era considerada a bebida nacional, eles tomam chá feito com cascas de laranja que Romalino pega pelas ruas.

No mês de agosto, entretanto, eles comeram bem. Os Amorim tinham acabado de vender um velho barraco no morro e, enquanto não conseguiam outro, "moraram" uma semana ao relento, em um terreno desocupado na Avenida Ipiranga, perto do centro da cidade. As pessoas passavam, ficavam com pena deles e lhes davam roupas, comida e até dinheiro. Foi só conseguir um lugar para morar e tudo isso acabou.

Logo depois ele conseguiu o casebre onde está vivendo, adquirido de uma cozinheira de um hotel, num negócio em que entrou o dinheiro da venda do barraco anterior e uma mesa de fórmica, e no qual deveria entrar também a bicicleta. Mas no dia em que entregaria o "veículo", Romalino foi atropelado por uma camioneta. Mas ele não desanima nunca. Uma semana depois, trocou o que restou da bicicleta por um fogão de duas bocas e Cr\$ 5 mil, que receberá em três prestações mensais, duas de Cr\$ 2 mil e uma de Cr\$ 1 mil. Ele está muito feliz com o negócio.

Celso Rosa

